

## EDITORIAL

Dossiê

### "CORPOS ATRAÍDOS PELA DOR, SEMBLANTES DEVOTADOS AO PRAZER: A GUERRA ENTRE MARTE E VÊNUS OU, TÃO SOMENTE, GRAMÁTICAS DO SADOMASOQUISMO NOS EXPEDIENTES LITERÁRIOS"

Caros/as leitores/as,

O volume 4, número 1, da **Revista LiteralMENTE**, apresenta o dossiê *Corpos atraídos pela dor, semblantes devotados ao prazer: a guerra entre Marte e Vênus ou, tão somente, gramáticas do sadomasoquismo nos expedientes literários*, o qual alberga trabalhos/pesquisas que se debruçam sobre os alfarrábios literários, no intento de investigar as “formas eróticas do sofrimento”, a saber, o masoquismo e o sadismo – em seus semblantes sublimes e terríficos –, seja enquanto atores de uma pantomima psíquica seja como agentes (des)estruturantes da narrativa. Esse empreendimento, inolvidável em seu âmago, desidera explorar exsudantes elaborações, que constituem o arcabouço literário, nas quais o sadismo e o masoquismo, como componentes constitutivos das experiências humanas e confecções poéticas, laçam-se à ribalta, com fulgor de agentes (narradores, personagens, sujeitos líricos etc), delineando um diáfano panorama de contrastes entre a fragrância sutil da devoção ao outro e a aspereza crua da aflição.

Primordialmente, “*Fetichismo como o possível do desejo no aroma incestuoso de ‘O Perfume de Roberta’, de Rinaldo de Fernandes*”, artigo inaugural deste dossiê, de autoria de Frederico de Lima Silva e Hermano de França Rodrigues, apresenta-se como itinerário profícuo nos melindres das dinâmicas pulsionais e de seus artifícios psíquicos. Os autores, alicerçando-se no arcabouço teórico da psicanálise freudiana, tomam como ponto de partida a tessitura narrativa do conto de Rinaldo de Fernandes, cujo protagonista, enredado por uma constelação de significantes fetichistas, transfigura o interdito do incesto em um simulacro de realização pulsional. Esse roteiro de transgressão simbólica e reorganização do desejo, como propõe o artigo, é iluminado pelo prisma do fetichismo, aqui entendido não apenas em sua acepção tradicional de “desvio” ou “perversão”, mas como um mecanismo multifacetado que revela a plasticidade das operações psíquicas frente à angústia, à fratura identitária e à incessante busca de prazer. A análise proposta pelos autores, em sua minúcia hermenêutica e rigor teórico, resgata o fetiche enquanto categoria histórica e psicanalítica, alojando-o enquanto eixo central

na compreensão da narrativa enquanto metáfora de nossas próprias ambivalências éticas e existenciais.

Doravante, no artigo “*Desejo e gozo no conto ‘Beijo na Face’*”, de Manuella Felicíssimo, observa-se uma abordagem meticulosa do conto de Conceição Evaristo, orientada pelas lentes da psicanálise freudiana e da semiótica greimasiana. A análise revela que a tensão entre as esferas do desejo e do gozo constitui o cerne da narrativa, articulando-se nos três níveis textuais: a estrutura de base, marcada pela oposição entre movimento e estagnação; o plano narrativo, que organiza a ação dos sujeitos e seus percursos; e o nível discursivo, responsável pela materialização dos sentidos no texto. O desejo, compreendido enquanto força motriz que articula o sujeito ao prazer e às fantasias de totalidade, encontra, no conto, um contraponto incisivo no gozo, que opera como dinâmica de ruptura e recusa. A trama apresenta o desgaste do casamento sob a ótica de um sujeito masculino incapaz de assimilar a perda simbólica do objeto conjugal, enredando ambos os cônjuges numa lógica de compulsão sadística que obstaculiza a emergência do desejo. Essa dinâmica é explorada em suas implicações psíquicas e estruturais, evidenciando como o gozo, enquanto categoria, atua na negação do movimento e na perpetuação de um estado mórbido. A investigação conduzida pela autora mobiliza categorias analíticas que iluminam a materialidade do texto, permitindo examinar como o embate entre desejo e gozo se inscreve nas operações narrativas e discursivas. Ao explorar a arquitetura semiótica da narrativa, o artigo discute a maneira como o texto elabora tensões fundamentais que ressoam nas relações humanas, marcadas por pulsões antagônicas e pela impossibilidade de completude.

No lastro da Seção Livre deste número, deparamo-nos com o manuscrito “*Psicanálise e o fenômeno autobiográfico: gestos da despossessão*”, assinado por Julia Akemi Takayama Ferry, que promove uma discussão multifacetada acerca das interseções entre o discurso autobiográfico e o campo psicanalítico ao passo que estabelece um diálogo crítico que tensiona as noções tradicionais de sujeito e representação. Ancorado na concepção de despossessão delineada por Judith Butler, o texto propõe que o sujeito não é plenamente senhor de si, mas, ao contrário, encontra-se inexoravelmente submetido a forças externas e alteridades que o atravessam e reconfiguram. A autora inicia sua análise a partir do que pareceria uma associação natural entre Psicanálise e autobiografia, ambas vinculadas ao gesto de “falar de si”, mas rapidamente desestabiliza tal suposição ao enfatizar que a Psicanálise não se ocupa de um sujeito autônomo, mas de uma subjetividade fragmentada e contingente, cuja enunciação é marcada pelo inconsciente e pelas evocações suscitadas na cena analítica. Essa perspectiva é confrontada com os desafios epistemológicos e ontológicos próprios à autobiografia literária,

que problematiza as pretensões de unidade e totalidade do sujeito que se escreve, expondo a sua posição enunciativa à indeterminação e ao atravessamento por vozes e experiências outras. Ao articular essas duas dimensões – a analítica e a narrativa –, o artigo de Takayama Ferry se debruça sobre a maneira como ambas as práticas desestabilizam a ideia de posse subjetiva e questionam os limites do “eu” enquanto entidade fechada. Por meio de uma leitura crítica, é possível observar como o conceito de desposseção ilumina as zonas de indistinção entre o sujeito e o outro, entre memória e invenção, entre verdade e ficção.

Outrossim, destaca-se o artigo intitulado “*Análise da construção da masculinidade de Bentinho na obra Dom Casmurro, de Machado de Assis*”, de autoria de Taís Lima Vieira e Carolina Alves Magaldi, que adentra os meandros da tessitura machadiana para examinar a edificação identitária do narrador-personagem Bentinho, cuja trajetória masculina, desde a juventude até a consolidação como Dom Casmurro, é analisada sob a égide de uma crítica que ultrapassa o enfoque tradicionalmente atribuído ao enredo, qual seja, a questão da traição por parte de Capitu. O estudo desloca o eixo interpretativo da narrativa, centrando-se na forma como os construtos socioculturais da masculinidade, imbricados em um arcabouço normativo binário e heteronormativo, atuam como forças coercitivas que moldam, restringem e silenciam o potencial desejo homoafetivo de Bentinho por Escobar. Tal abordagem, ao iluminar camadas textuais usualmente negligenciadas, convida o leitor a reconsiderar os alicerces da obra, sugerindo que o núcleo da narrativa não se resume ao dilema conjugal, mas repousa na experiência de um sujeito em conflito profundo com a identidade imposta pela sociedade oitocentista. Baseando-se em um corpus teórico que engloba autores como Guacira Lopes Louro e Michel Foucault, o artigo articula uma análise refinada da masculinidade que permeia a trajetória de Bentinho, evidenciando como modelo opressivo não apenas reprime possíveis inclinações afetivas e sexuais que escapam à norma, mas também condiciona a paranoia e o ressentimento que marcarão sua posterior reclusão enquanto Dom Casmurro.

Sob a égide de uma análise literária imbricada na (in)consistência do discurso amoroso, o manuscrito “*Sob o signo de Eros: flashes, flechas e raptos em Eu Receberia as Piores Notícias de Seus Lindos Lábios, de Marçal Aquino*”, assinado por Zenil Josefa da Silva, descortina um percurso interpretativo que evoca as profundezas das dinâmicas afetivas entre Cauby e Lavínia, protagonistas do romance aquiniano. Utilizando como arcabouço teórico os postulados de Roland Barthes em sua seminal obra *Fragmentos de um Discurso Amoroso* (1981), a investigação perpassa as figuras do rapto, do encontro, da espera e do corpo do outro, promovendo uma leitura que não apenas subverte, mas reconfigura as tradições mitopoéticas que sustentam as narrativas de amor na literatura ocidental. A pesquisa envereda por plagas em

que as intersecções entre mito e narrativa contemporânea encontram sua expressão máxima na releitura do arcaísmo simbólico de Eros e Psique, aqui reinterpretado sob a ótica de uma dialética do desejo que ora subjuga, ora emancipa os sujeitos envolvidos. O romance de Aquino, assim, é perscrutado como uma arena discursiva cujos conceitos de sujeito e objeto, tradicionalmente polarizados nas narrativas míticas, são desconstruídos e rearticulados, promovendo o que o artigo denomina de um “estilhaçamento estrutural do mito tradicional”. Tal inversão é cuidadosamente cotejada com os fragmentos discursivos dos personagens, nos quais a tensão entre posse e perda, presença e ausência, revela-se não apenas como um traço narrativo, mas como um pulsar existencial que traduz o cerne do vínculo amoroso.

A leitura psicanalítica proposta no artigo “*Justiça, autoridade e autoimagem em ‘Um Cinturão’, de Graciliano Ramos*”, de autoria de Jenifer Ianof de la Fuente, prorrompe-se como um denso exercício interpretativo que desvela os mecanismos psíquicos constitutivos do narrador-personagem, cuja subjetividade é inexoravelmente atravessada pela experiência de uma infância marcada por atos de violência e autoritarismo. A análise empreendida pelo estudo incorpora elementos da teoria psicanalítica, com destaque para os postulados freudianos sobre a formação do superego e a relação entre autoridade e culpa, bem como os desenvolvimentos lacanianos sobre a constituição do sujeito no campo do simbólico. A pesquisa parte de um exame das condições estruturais e afetivas que sustentam a construção da autoimagem do narrador, cujo desenvolvimento psíquico é condicionado por eventos traumáticos que ressoam como marcas indeléveis em sua subjetividade. Tais vivências, simbolicamente condensadas na figura do cinturão enquanto instrumento de punição e emblema da autoridade despótica, tornam-se catalisadoras de uma reflexão sobre a noção de justiça e sobre os mecanismos de internalização da autoridade paterna, aspectos que, segundo o artigo, reverberam tanto nas relações interpessoais do personagem quanto em suas formas de inserção social. O cinturão, figura central no conto, assume uma dimensão polissêmica ao ser analisado como símbolo de disciplinamento e de ruptura, representando, ao mesmo tempo, o ordenamento coercitivo imposto pela figura paterna e a violência que desestabiliza as noções de justiça e de equilíbrio emocional. A partir desse eixo simbólico, o artigo argumenta que a vivência da punição se inscreve no imaginário do narrador como um paradigma de autoridade que, ao invés de consolidar uma ética de justiça equitativa, engendra um regime de relações marcadas pela desconfiança, pela submissão forçada e pelo ressentimento.

O artigo intitulado “*Sentir-Pensar-Amar: semblantes do feminino em Florbela Espanca*”, de Larissa Karen Gomes Almeida, Regina Vitória Lira Cavalcante e Hermano de França Rodrigues, destaca-se como um exercício hermenêutico que investiga a poesia de

Florbela Espanca sob o prisma das complexas interseções entre subjetividade, feminilidade e criação literária. Ao abordar a tríade que dá título ao trabalho — sentir, pensar e amar —, o texto adota uma perspectiva analítica que ultrapassa leituras tradicionais, situando a obra da poeta portuguesa como um espaço de reflexão sobre a condição feminina e sua ressonância ao longo do tempo. A investigação articula-se em três eixos dialéticos que, embora distintos, revelam-se profundamente interligados por uma lógica de continuidade discursiva. O primeiro movimento foca na incursão biográfica e contextual acerca da trajetória e da produção de Florbela Espanca, evidenciando como sua existência, marcada por transgressões e vulnerabilidades, constitui a matéria (des)estruturante de sua poética. O segundo eixo desloca-se para a análise dos contextos histórico-culturais que permeiam sua produção, demonstrando, com suporte de teóricos como Dal Farra e Birman, como a poesia florbeliana desafia, ainda que tacitamente, as estruturas patriarcais do início do século XX. Espanca articula um feminino multifacetado, oscilando entre dor e desejo, melancolia e transcendência, instaurando um espaço discursivo de insurgência que subverte as normas e ressignifica o lugar da mulher na literatura e na sociedade. Por fim, o terceiro momento explora a atemporalidade de sua obra, evidenciando como suas composições, guiadas pela tríade “sentir-pensar-amar”, continuam a dialogar com debates contemporâneos sobre autonomia e identidade feminina. Nesse viés, a poesia de Espanca, ao tensionar dicotomias entre razão e emoção, corpo e alma, instaura uma estética do excesso que acolhe o contraditório e o indizível, projetando a poeta como uma interlocutora ativa das demandas e lutas atuais.

Em derradeiro, na Seção de Ensaios, no horizonte fecundo das interseções entre psicanálise e estudos de gênero, desponta o instigante ensaio intitulado “*É preciso ultrapassar as fronteiras do narcisismo para amar: ensaio teórico acerca do aspecto narcísico na violência doméstica contra a mulher*”, de autoria das pesquisadoras Sandra Adelina Giacomini e Joana Alvares. as autoras retomam a psicanálise como lente privilegiada para decifrar as complexas teias que entrelaçam o narcisismo e a violência de gênero, deslocando o olhar para os elementos simbólicos e culturais que legitimam a perpetuação da masculinidade hegemônica. Ao resgatarem o arcabouço teórico freudiano e suas ramificações contemporâneas, Giacomini e Alvares adentram o labirinto das relações objetais e narcisistas, distinguindo, com minúcia, os mecanismos psíquicos subjacentes ao desejo de controle, subjugação e aniquilação do outro. Nesse corolário, o texto questiona a ilusão do *amor narcisista*, em que o outro não passa de um reflexo distorcido do próprio sujeito, reduzido a um espelho que confirma a grandiosidade do Eu. Tal configuração, ancorada na impossibilidade de lidar com frustrações e na ausência de alteridade autêntica, alimenta comportamentos violentos e reforça dinâmicas relacionais

atravessadas pela posse e pelo aniquilamento simbólico do objeto amado. Por fim, Giacomini e Alvares assinalam a urgência de uma articulação entre psicanálise e estudos de gênero como estratégia epistemológica e prática para a elaboração de intervenções eficazes contra a violência doméstica. Somente ao ultrapassar as “fronteiras do narcisismo” é possível constituir um amor que acolha a alteridade e desfaça as amarras opressoras da subjetividade possessiva.

Por último, o presente volume culmina na entrevista – “*Psicanálise e Literatura: breve entrevista com Lucia Castello Branco*” – concedida pela eminente escritora, psicanalista e professora Lucia Castello Branco a Sandro Adriano da Silva, numa interlocução que extrapola os limites convencionais do discurso crítico-acadêmico para adentrar territórios de rara densidade reflexiva, onde literatura e psicanálise se entretecem numa tessitura de rigor científico e sensibilidade estética. As perguntas formuladas pelo entrevistador operam como catalisadores que desvelam camadas do pensamento castelhaniano, remetendo ao conceito lacaniano do “saber em fracasso”, mobilizado por Lucia como operador epistemológico que desafia os imperativos de fechamento e domínio do conhecimento. Tal perspectiva, amplamente abordada na entrevista, configura um movimento desterritorializante, no qual a escuta psicanalítica se encontra em tensão produtiva com a criação literária, abrindo brechas para uma convergência em atrito – um encontro que, ao invés de domesticar os sentidos, amplia-lhes as possibilidades interpretativas, recusando qualquer redução simplificadora das duas escritas. No cerne do diálogo, a entrevistada aprofunda-se na formulação do conceito do “feminino de ninguém”, inspirado na obra de Maria Gabriela Llansol, que se constitui como uma chave hermenêutica audaciosa e disruptiva, ancorada em uma ética do Aberto. Distanciando-se de qualquer submissão ao falo, esse feminino emerge como uma potência insubmissa, uma dimensão que desafia as categorias estanques do simbólico, permitindo a inscrição de um terceiro sexo, onde os corpos e os desejos se reconfiguram no “sexo da paisagem”. A autora articula esse horizonte como um espaço de resistência às clausuras ontológicas, ampliando as possibilidades de uma posição feminina que se desvela na irreduzibilidade do poético, em permanente devir. O tema do amor, sob a lente lacaniana e poética que permeia a obra da entrevistada, ocupa uma posição de destaque no diálogo. Remetendo ao *Seminário 8*, Lucia reflete sobre a figura feminina não como objeto passivo, mas como sujeito ativo na dialética do desejo, numa referência ao mito platônico de Poros e Penia. Despindo-se das ilusões fusionais, a autora aposta na solidão como condição primeira do encontro amoroso, propondo uma poética do amor que se estrutura na distância, no qual o fazer amoroso torna-se um exercício poético. Por fim, ao adentrar o campo da literatura infantojuvenil, exemplificado por obras como *A menina e a bolsa da menina*, Lucia Castello Branco evoca a liberdade criativa como um direito

inalienável, onde o lúdico e o poético se fundem em uma celebração do imaginário. Essa incursão revela, na dimensão infantil, a reminiscência de um canto ancestral, uma voz inaugural que se inscreve no território sensível das imagens em fulgor.

Desejamos a todos/as uma ótima leitura!

*Hermano de França Rodrigues*  
*Guilherme Ewerton Alves de Assis*  
**Organizadores do dossiê**